

EDUCAÇÃO – UMA OBSERVAÇÃO PARA O FUTURO

EDUCATION - A NOTE TO THE FUTURE

Professor Me. Eduardo Facchini

FATEC – Faculdade de tecnologia de Cotia - eduardo.facchini@fatec.sp.gov.br / eduardofacchini@usp.br

Professor Dr. Eduardo Mario Dias

USP – Universidade do estado de São Paulo - emd@pea.br

Resumo

A observação e o registro científico são competências e métodos centrais para compreender e decifrar a Ciência da Pedagogia. No entanto, as tecnologias, ferramentas, a muito utilizadas como apoio na arte de ensinar, por vezes roubam a cena. E o educador, sentisse ameaçado por elas. Este artigo, discute as impressões de um professor universitário, na docência, mais com certa experiência de vida. E fala das observações feitas, pelo autor, ao longo de um curso sobre docência no ensino superior. O objetivo é suscitar um debate sobre o tema das ferramentas de apoio ao ensino, e as novas tecnologias interativas.

Palavras-chave: Pedagogia. Pesquisa. Tecnologia

Abstract

Observation and scientific registration are central skills and methods for understanding and deciphering the Science of Pedagogy. However, the technologies, tools, the much used as support in the art of teaching, sometimes steal the scene. And the educator, he felt threatened by

them. This article discusses the impressions of a university professor at the beginning of his career, in teaching, but with certain experience of life. And he speaks of the observations made by the author during a course on teaching in higher education. The aim is to raise a debate on the theme of tools to support teaching, and new interactive technologies.

Keywords: Pedagogy. Search. Technology

Introdução

Provocados por uma discussão em um fórum da primeira turma do curso, on line, da Universidade de São Paulo, “Docência no Ensino Superior: uma primeira aproximação”. Resolvemos escrever este artigo que trata de impressões sobre o sistema de ensino no Brasil. Assim chegamos aqui, sem a pretensão de sermos “donos da verdade”, mais com a missão de registrar a visão de um experiente, mais novo professor em início de carreira, podemos assim dizer.

Este artigo é dedicado a um debate acessível aos pesquisadores de diversas áreas, que tenham como tema de estudo à docência do ensino superior no Brasil, voltada para as ferramentas de apoio ao ensino.

Assim, iniciamos falando do uso da cartilha, Caminho Suave, de Branca Alves de Lima, que nos remete imediatamente ao nosso primeiro banco escolar. Com muita certeza o primeiro livro de muitos de nós. E a intensão, de fato é esta. No fundo é só um convite, para refletirmos sobre a educação, suas ferramentas de apoio e seus entraves, ao longo do tempo.

Conforme conta Francisca Izabel Pereira Maciel, a cartilha Caminho Suave foi publicada inicialmente em 1950 e foi editada até meados dos anos 90, desde sua primeira edição saiu produzida pela própria editora “Caminho Suave” Ltda. A cartilha fazia parte dos livros conveniados ao Instituto Nacional do livro, o que lhe assegurava distribuição gratuita às escolas públicas brasileiras até a metade dos anos 90, quando a cartilha foi reprovada pela comissão de avaliação do livro didático, PNLDIMec. Maciel, (2002: p. 163)

Ainda sobre a cartilha Caminho Suave, analisa Maciel, (2002):

(...). “Considerado um dos best-seller da história da alfabetização no Brasil, essa cartilha merece ser melhor investigada, analisada em suas várias edições e ilustrações. E, principalmente, deve-se tentar apreender as razões de sua grande aceitabilidade entre o professorado brasileiro. Dizer que isso deve ao fato de ser um material “fácil” de se trabalhar é simplificar por demais uma prática pedagógica dos professores em um processo tão complexo como é o da alfabetização”. (MACIEL,2002: p. 165)

2. Relação da Pesquisa e da Docência

Até que ponto um docente deve ser, e continuar sendo, um pesquisador, já que sabemos que o contrário necessariamente não é verdadeiro. Se observarmos o caso da cartilha Caminho Suave, podemos verificar que é muito importante, ser e continuar sendo um pesquisador.

A análise constante e a atualização daquele que ensina é fundamental. Após longa análise de Maciel (2002), sobre a cartilha, e os aspectos visuais das edições, esta chega à conclusão que para Branca Alves de Lima, autora da cartilha, no processo de alfabetização a escrita não era vista como agregada à aprendizagem da leitura. Isso pode ser confirmado, acrescenta Maciel (2002), desde a 1ª lição, as vogais são apresentadas em diferentes tipos de letra, (imprensa e cursiva maiúsculas e minúsculas) e nas várias propostas de exercícios “com letra de mão”, entretanto, a concepção de escrita para a autora é de mera cópia das palavras estudadas.

Apesar de afirmar que um dos aspectos a ser desenvolvido no processo de alfabetização é a habilidade de compreensão da leitura, não se constatava esses princípios naquele material didático. A análise da cartilha “Caminho Suave” nos leva a concluir, afirma Maciel (2002), “que é um material didático que não apresenta coerência entre os pressupostos teórico-metodológicos e a efetivação na prática pedagógica”.

O objeto tecnológico, de apoio, aqui focado é a cartilha Caminho Suave, que deveria servir, e serviu durante um bom tempo, como ferramenta de trabalho para vários alfabetizadores ao longo de anos no Brasil. Da mesma forma, gostaríamos de pautar o uso das novas tecnologias em sala de aula e o medo, ou o desconforto de alguns professores com estas novas ferramentas: a internet, as redes sociais, o simples celular.

Fazer uma analogia, só não basta, pois seria muito superficial e leviana, de certo modo essa crítica. Caberia, sim, uma reflexão, um pouco mais profunda, que não se trata de espaço de um só um artigo quanto ao método de ensino, que de fato, a nosso ver, apresenta um problema, pelo menos no caso da cartilha Caminho Suave.

A pergunta que devemos fazer é: porque professores, que deveriam estar capacitados, para enfrentarem uma sala de aula, sentem-se inseguros com novas tecnologias. Que desconforto é esse, que paralisa alguém que muitas vezes sonhou a vida toda em exercer esta atividade? Os meios importam mais do que os fins?

O filósofo Alberto Cupani, diz que, quando um meio ou um método mostra-se eficaz, procura-se universalizar a sua aplicação, e cita como exemplo o caso da Estatística, vista frequentemente como o segredo de interpretação de qualquer fenômeno social. (CUPANI, 2013, p. 188),

Muito provavelmente, sem uma análise criteriosa, como deve ter sido a da comissão de avaliação do livro didático em meados de 1990, para a proibição do best-seller e posteriormente, a de Maciel, (2002). Passou despercebido, pelo corpo docente na época, ou se houve alguma crítica foi silenciada, dada a grande aceitação do professorado pela cartilha, e essa reinou durante um bom tempo como tecnologia de apoio, nas salas de aula do Brasil. Aceita, pela maioria, pelo que parece, absoluta dos professores.

Então este desconforto, quanto, as tecnologias interativas, hoje em dia, deveriam servir de estímulo e incentivo ao aprendizado e treinamento do corpo docente das novas tecnologias. Se por um lado é impensável desconhecer a influência da tecnologia na vida de jovens do planeta inteiro, por outro a utilização dessa tecnologia na classe também provoca grandes polêmicas entre educadores e acadêmicos.

3. Educação não será nunca um Caminho Suave?

Não, educar não é um caminho suave, pelo menos hoje em dia. Senão a formação de professores universitários não seria objeto de estudos e artigos, que recomendam, a obrigatoriedade de check-ups, regulares, nas atualizações didáticas de docentes, e pesquisas permanentes sobre novos métodos e novas configurações metodológicas aplicadas ao ensino. Nem seria objeto de observação atenta as experiências em salas de aula, para com elas encontrar, o caminho da solução desta

problemática na ciência pedagógica. E em que se diferencia o conhecimento tecnológico em relação ao científico?

4. Você só dá aula, ou trabalha também?

A pergunta soa como se dar aula não fosse um trabalho, e sim alguma coisa que se faça por diletantismo, ou pelo simples prazer de fazer. A tradição do “quem sabe fazer, sabe ensinar”, ratificou a lógica da formação dos educadores, durante anos. A falta de cuidado com a elaboração para a prática da cátedra, demonstrada pela impressão de que quem sabe, sabe inconscientemente ensinar.

Talvez tenha passado, também para o inconsciente coletivo, a ideia de que passar o conhecimento para outro, seja uma obrigação e não um produto, intangível pode ser, mas um produto. Como qualquer produto oferecido como serviço, que sirva para suprir uma necessidade intelectual por exemplo, como, ler um bom livro que lhe traga um conhecimento necessário, um certo novo saber. No caso, o professor, se esforça e utiliza de toda sua experiência, para transferir seu conhecimento para seus alunos.

Esta é uma pergunta frequente, escutada por quem é ou foi professor, de alguma coisa, não importando, se do fundamental ou do ensino superior, e até mesmo de um curso de idiomas. A questão central, aqui é, que hoje a habilidade profissional é a tônica de toda a sociedade moderna, as melhores práticas na indústria e nos serviços, espalham-se pelo mundo como um rastilho de pólvora e a pergunta acima por mais pitoresca ou grotesca, que pareça, não deve existir no mundo contemporâneo, ou não deveria. A culpa, no entanto, pode ser de quem houve a pergunta e não de quem faz.

“O conceito de profissionais de desenvolvimento humano abrange as profissões que trabalham com pessoas em contacto interpessoal directo, sendo essa interacção o próprio processo e parte significativa do conteúdo da intervenção profissional. Os efeitos desses processos de desenvolvimento humano assumem a forma de aprendizagem e desenvolvimento, modificação de comportamento, atitudes ou hábitos, adesão a normas ou modos de vida, conforme as áreas de intervenção” (...) “O conceito abrange um conjunto de profissionais (...entre eles, os) de educação (professores, educadores de infância, pedagogos, educólogos, formadores, assistentes técnicos pedagógicos). Formosinho (2009: p. 7-8)

A citação de João Formosinho (2009), sobre o conceito de profissionais de desenvolvimento humano, acima em contrapartida com a pergunta título do capítulo mostra o como estamos em relação ao reconhecimento profissional do professor.

Quando o docente ouve esse tipo de pergunta, com certeza não faz ideia de quanto ele próprio colaborou para isto. Ainda sobre a lógica acadêmica tradicional, Formosinho (2009) diz, que a articulação entre a pesquisa e a docência aparece mais pela determinação dos territórios causados pela investigação à dinâmica da docência do que pela inserção dos alunos aos métodos e processos da pesquisa científica. Quer dizer que a dialética da organização e a gestão dos docentes universitários acontece mais pela emergência de novos territórios de carreira e competição pelos recursos do que pela cooperação e pelo trabalho de projeto.

Esta cultura institucional desvaloriza muitas vezes os componentes profissionais da formação e promove frequentemente uma versão corporativa da autonomia coletiva e uma versão, “narcísica”, segundo Formosinho (2009), da autonomia individual. Entre os vários personagens que protagonizamos na sociedade, o destaque é sempre a nossa ocupação. A ocupação é referente ao que fazemos no mundo corporativo, da forma específica de nossa participação na edificação da sociedade em que vivemos.

O que significamos (somos), na forma mais estrito senso possível, está fortemente ligado ao que realizamos (fazemos). Por outro lado, conforme diz Cunha (2008), do ponto de vista da docência como “graça divina”, o grifo é nosso, induz a um descrédito da própria natureza acadêmica, colocando os conhecimentos pedagógicos a um segundo plano e desvalorizando esse campo na formação do docente de todos os níveis, mas, principalmente, o universitário.

À pergunta ‘O que você faz? Ou você só dá aula, ou trabalha também?’ Quase sempre é respondida com um: Sou economista, dona de casa, engenheiro ou administrador. Diferente seria se a resposta corrente fosse, sou professor, esta é minha profissão. A profissionalização da docência é fundamental, a nosso ver, independente de novas expressões, se quisermos ser uma sociedade preocupada em evoluir, o professor profissional não ficaria assustado com tecnologias novas para se comunicar com seu alunado.

“O termo profissionalidade tem sido introduzido nas últimas reflexões sobre a formação profissional e se traduz na ideia de ser a profissão em ação, em processo, em movimento. Gimeno Sacristan fala da profissionalidade como a expressão da especificidade da atuação dos professores na

prática, isto é, o conjunto de atuações, destrezas, conhecimentos, atitudes e valores ligados a elas que constituem o específico de ser professor (1993, p.54). Talvez, para o caso do trabalho docente, a concepção de profissionalidade seja mais adequada do que a de profissão. Isto porque o exercício da docência nunca é estático e permanente; é sempre processo, é mudança, é movimento, é arte; são novas caras, novas experiências, novo contexto, novo tempo, novo lugar, novas informações, novos sentimentos, novas interações. Esta concepção, porém, contraria a histórica premissa construída para o trabalho do professor, materializada na ideia de que a função docente se resume em ensinar um corpo de conhecimentos estabelecidos e legitimados pela ciência e cultura, especialmente pelo valor intrínseco que os mesmos representam. Para esta perspectiva a erudição seria a qualidade mais reconhecida no docente que representaria um depósito do saber cuja palavra estaria pré-ungida de legitimação. O elemento fundamental do ensino, nesta perspectiva, é a lógica organizacional do conteúdo a ser ensinado, suas partes e pré-requisitos, sem maiores preocupações com os sujeitos da aprendizagem e o contexto em que essa deveria acontecer”. (CUNHA, 2008)

Ao contrário seria mais um desafio salutar para este. E a escola, universidade, formadora de professores deveria ser voltada para esta profissionalização, e as novas tecnologias deveriam ser incentivadas, como meios para se atingir os objetivos do ensino.

Para fins de empregabilidade das tecnologias digitais com objetivos didáticos, publicar (postar) o programa do curso, os textos indicados para leitura ou os exercícios, a serem feitos, na Internet, para dar acesso e ciência aos alunos, é um nível interativo embrionário, o profissional da educação, deve contar com a ajuda das redes sociais. A metodologia da ação colaborativa no ensino implica que haja circulação latente de informações e trocas apontando a influência para os objetivos previstos.

No eterno jogo da educação, parafraseando, Milton Nascimento, “qualquer maneira de comunicação vale a pena”. Devemos entender, no entanto, o medo natural deste indivíduo, o de perder postos de trabalho, de enfrentar novos desafios tecnológicos. Mas essa é a história da humanidade se observarmos sua evolução natural. Em determinados momentos, passando por crises mais agudas, como no período da revolução industrial, ou mesmo hoje em dia com a interatividade ao alcance de todos, praticamente.

5. Três pontos de vista da sociedade

Segundo Bunge (1980), a sociedade humana tem sido pensada de três maneiras diferentes: à maneira individualista, globalista e do modo sistêmico.

No individualismo, uma sociedade não é mais que um conjunto de indivíduos, e qualquer característica da mesma é somente uma reunião de características de seus componentes. Já o globalismo (ou coletivismo teórico), diz que, uma sociedade é uma totalidade que transcende a seus componentes e possui características que têm raízes em características de seus componentes.

E segundo o sistemismo, continua Bunge, uma sociedade é um sistema de indivíduos inter-relacionados e, enquanto algumas de suas características são meras resultantes de características de seus componentes, outras são derivadas de relações entre estes. (BUNGE, 1980)

Ainda em seus estudos o filósofo Mario Bunge (1980), afirma que:

“A maior parte dos filósofos sociais tem favorecido ou o individualismo (como Mill) ou o globalismo (como Hegel). Porém os cientistas sociais, qualquer que seja sua filosofia explícita ou declarada, adotaram de fato o ponto de vista sistêmico, na medida em que estudaram grupos de indivíduos inter-relacionados (p. ex., empresas e comunidades) e reconheceram a natureza específica de sistemas sociais tais como organizações. Inclusive supostos globalistas, como Marx e Drurkheim, agiram como sistemistas ao reconhecer que as totalidades sociais são criadas, mantidas, reformadas ou destruídas pelas ações, concretas ou divergentes, de indivíduos”. (BUNGE, p. 170: 1980)

Não pretendendo nos alongar na discussão filosófica, mas aproveitando estas reflexões para nossas observações, acreditamos que o enfoque sistêmico das ciências sociais seja particularmente elucidativo no que diz respeito à condição das instituições de ensino.

Portanto, o que caracteriza a sociedade humana é ser constituída de seres humanos, alguns dos quais trabalham se inter-relacionando, produzindo objetos e outros trabalham transformando semelhantes, fabricando e gerenciando ou “ensinando”, para o desenvolvimento social.

Os medos, são inerentes ao homem, e há que se compreender a insegurança do professorado assustado com as tecnologias interativas de hoje em dia, Mas, não podemos nos calar e deixar de aproveitar o momento propício para o desenvolvimento do saber em alta escala, com a ajuda da internet ou das tecnologias interativas.

6. Transformando a maneira de ensinar

Várias maneiras de ensinar hoje não se explicam mais. Consumimos tempo demais, estudamos muito pouco, nos desmotivamos sucessivamente. Temos a nítida impressão de que muitas aulas convencionais estão superadas. Mas, como mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interativa e conectada?

Ensinar e aprender estabelecem atualmente muito mais mobilidade e organização, pessoal e de grupo. Um dos problemas atuais é harmonizar o tamanho do volume de conhecimento, a ser transmitido, a abundância das fontes de acesso, com o aprofundar do entendimento, em campos menos ortodoxos, menos engessados.

Da equação: DADO + NECESSIDADE = COMUNICAÇÃO POSITIVA

Deve derivar a equação: SABER + NECESSIDADE (de transmissão e aquisição da informação correta) = FORMAÇÃO DE DOCENTES (disseminadores).

Assim como assistimos hoje em dia, cada vez mais os dados dependerão menos de informações transmitidas pelos professores. A internet pode trazer dados, imagens, resumos de maneira instantânea e fascinante. A ação do professor – ainda existiria como papel principal - de ajudar o aluno a decodificar esses dados, a pautar, a contextualizá-los. A filtrar estes conteúdos, pois como temos uma informação fácil, muitas vezes nem sempre são validadas cientificamente.

Na sociedade sistêmica, aprender também depende do aluno, de que este encontre-se amadurecido, para reunir esse conhecimento.

O professor José Manuel Moran, em palestra no evento " Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes", fala sobre a importância do aprimoramento da qualidade da educação:

“Aprimorar a qualidade da educação: proporcionando novos caminhos para o ensino e aprendizagem, além de novas metodologias, formando educadores e os ajudando a descobrir estratégias inovadoras para o aperfeiçoamento do processo educacional. Tornar as aulas mais atraentes e inovadoras: ampliando possibilidades para alunos e para professores e transformando a aprendizagem, tornando-a mais motivadora e significativa. Aumentar a integração e o diálogo entre alunos e professores: incentivando a autoconfiança, afetividade, autonomia e socialização entre docentes e discentes. Auxiliar na melhoria do desempenho dos alunos:

ampliando a sala de aula para fora do horário e do ambiente escolar, e melhorando, inclusive, a produtividade na lição de casa. Estimular alunos a aprenderem e a ensinarem: aumentando, também, o diálogo com a família, em casa, sobre os assuntos vistos em aula. Despertar a curiosidade e as novas descobertas: estimulando novas experiências através da cultura digital, construindo novas competências e contribuindo para o desenvolvimento de crianças e adolescentes”. (MORAN, 1999)

7. Obstáculos para transformar a educação

Segundo José Carlos Libâneo¹:

“O filósofo francês Edgar Morin, quando discute sobre os sete saberes escreve que, diante do volume de informações, é preciso saber discernir quais são as informações-chave. Mas, como fazer isso? Segundo ele, a educação precisa desenvolver uma inteligência geral que saiba discernir o contexto, o global, o multidimensional, a interação complexa dos elementos. Nesse caso, essa inteligência precisa saber usar os conhecimentos, e ter capacidade de colocar e resolver problemas. Isso necessita de uma combinação de habilidades particulares, que atenda simultaneamente ao geral e ao particular. Põem-se, assim, desafios às escolas e dos professores hoje. Como lidar com o conhecimento teórico no mundo da informação? Como ensinar alunos numa realidade de mudanças nos valores e práticas morais que modificam o modo de ser jovem? Como lidar com a poderosa cultura formada pelas tecnologias da informação e comunicação? Como devem ser pensadas as práticas de ensino e aprendizagem numa sociedade em mudança? ” (LIBÂNEO, 2009).

Os avanços para a transformação que se faz necessária a maneira de se educar, a nosso ver, custarão muito a chegar, porque nos achamos em processos diferentes de desenvolvimento pessoal e social. Infelizmente, não encontramos instituições e pessoas dispostas a estabelecerem maneiras desbravadoras de concepção e integração, na educação, que possam servir como indicadores. Sempre prevalece a média, o destaque no intelecto, a distinção entre a conjectura (ou teoria) e a prática (o exercício).

¹ Doutor em Filosofia e História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professor Titular da Universidade Católica de Goiás, em Goiânia (GO), Brasil, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação dessa Universidade. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq, Teorias da Educação e Processos Pedagógicos.

Ao mesmo tempo, a ética, quando se trata de enfrentar mudanças no que já é pré-estabelecido na educação, tornar-se contraditória em meio a teoria e a prática. Os jornais e outros meios de comunicação expõem com certa frequência como determinados governantes, empresários, políticos e até congregações religiosas atuam impunemente, fazendo falcatuas e abusando da boa-fé da sociedade em geral. Muitos professores, dizem uma coisa e fazem outra, confundindo alunos, desvirtuando, aquilo que deveria servir de modelo. E o que é pior, passam a ideia de que toda a sociedade é assim.

As transformações na educação estão sujeitas, principalmente, em possuímos docentes amadurecidos, indivíduos apaixonados, donos de mentes abertas, que consigam induzir e conectar-se a seus alunos. Indivíduos com os quais nos tragam prazer em estar em contato, porque dele saímos enriquecidos de saber.

O professor apaixonado, mostra a humildade sem perder a confiança, transmite o que sabem, e da mesma maneira aprende ensinando e com quem ensina.

“Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses. Os grandes educadores atraem não só pelas suas ideias, mas pelo contato pessoal. Dentro ou fora da aula chamam a atenção”. (MORAN, 1999)

8. Considerações finais

Não esperamos, no fundo uma atitude diferenciada do professor que utiliza e foi formado em uma metodologia de ensino que seja de relacionamento hierárquico de quem sabe, e detêm o poder da nota, para quem não sabe. Em uma metodologia de aprendizagem acreditamos que o papel do professor seja o de mediação pedagógica.

E por mediação pedagógica interpretamos a atitude do professor e das instituições formadoras e propagadoras deste, como sendo multiplicadores de condutas, que se colocam como incentivadores ou motivadores da aprendizagem, que se oferecem com a habilidade e a disposição de ser a ligação entre o aprendiz e sua aprendizagem.

É o docente inferido como profissional da educação competente para organizar condições para se desenvolver a aprendizagem, de fazer a gestão dos níveis e das conexões entre o alunado. E a instituição que fomenta a pesquisa e induz ao conhecimento. O professor que mantém uma forte ligação com seus alunos com uma

atitude de parceria e responsabilidade pelo processo de aprendizagem, acaba por encontrar naturalmente o caminho suave na educação.

A postura de parceria e responsabilidade entre professor e aluno buscando aperfeiçoar o processo de aprendizagem se constitui e se vigora cultivando atitudes e condutas que os colocam conectados, em sociedade, trabalhando pelos mesmos propósitos, como uma equipe de trabalho. A atitude de parceria e responsabilidade se inicia com um pacto pedagógico entre alunos, professores e instituições de ensino para integrados buscarem aprendizagem, enriquecimento intelectual, pessoal e profissional.

Ainda nas considerações finais destas reflexões, gostaria, mais uma vez, de reafirmar a despretensão, que temos em relação a ser donos da verdade, algumas críticas aqui feitas, passaram por um processo de observação pessoal do autor, conforme dito, durante um rápido curso sobre docência na USP.

Em termos de conclusão destas considerações, gostaria ainda de fazer um comentário, sobre a importância de se buscar uma Educação onde educandos e educadores, se organizem num coletivo pesquisador, em torno das instituições de ensino. Onde todos se comprometam com os métodos coletivos de sistematização e socialização dos saberes no processo de aprendizagem.

E que as instituições de ensino, estimulem este debate, envolvendo a comunidade acadêmica e a sociedade. De meu ponto de vista, permaneço, apreendendo, observando e defendendo a necessidade de falarmos e debatermos o processo de aprendizagem no Ensino para mostrarmos o que é essencial nesta realidade, que é a busca do conhecimento, integrando alunos e professores, no mundo atual, com tecnologias acessíveis a todos e caminhos menos tortuosos e mais suave.

Referências

BUNGE, M. – Epistemologia – Curso de Atualização – T.A. Queiros, Editor Ltda. Ed. Da Universidade de São Paulo - São Paulo, 1980

CUNHA M. I. - Inovações pedagógicas: o desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária – Caderno de Pedagogia Universitária USP – Universidade do Vale do Rio dos Sinos Programa de Pós-Graduação em Educação - Pró-reitoria de Graduação - Universidade de São Paulo - setembro 2008

CUPANI, A. – Filosofia da Tecnologia – Um convite – 2ª Ed. – Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

FORMOSINHO, J. - Dilemas e tensões da atuação da universidade frente à formação de profissionais de desenvolvimento humano – Cadernos Pedagogia Universitária – USP - Pró-Reitoria de Graduação - Universidade de São Paulo 2009

LIBÂNEO, J. C. - Conteúdos, formação de competências cognitivas e ensino com pesquisa: unindo ensino e modos de investigação - Cadernos Pedagogia Universitária – USP - Pró-Reitoria de Graduação - Universidade de São Paulo 2009

MACIEL, F. I. P. – As Cartilhas e a História da Alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (11): 147 – 168, abr/2002 - Disponível em: www.seer.ufrgs.br/asphe/article/download/30604/pdf na data de 05/09/2017

MORAN J. M. - O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf> na data de 22/09/2017